

Mulher, bicho espreito

Érica Jorge

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023

**O útero da minha mãe
não é um número.**

Como é possível um número dar conta de tanta dor? Na minha escola, a professora ensinava que a língua portuguesa dominava todos os sentimentos que quiséssemos exprimir, mas ela estava errada. Hoje, sei que são os números que guardam as emoções. Naquele ano, eu não seria capaz de refutá-la, adorava as suas aulas e participava como aluna exemplar. Ela explicava que o sujeito é quem faz a ação, pouco dizia sobre quem a sofre, talvez pensasse que era o suficiente que uma criança poderia saber à época.

Minha mãe era atendente em uma padaria. Meu pai, mecânico. Ocupações difíceis para aqueles tempos. Uma mulher que entregava uma quantia de pães regularmente não pareceria um problema,



exceto pelo fato de que ela via e ouvia tudo o que acontecia, era uma ótima oportunidade de ser espiã. Com meu pai não teria sido diferente, mas a garagem em que ele atendia ficava tão distante que não seria usada como local para as reuniões dos guerrilheiros. Esse era o nome mais tranquilo que davam aos homens e mulheres que ousavam se organizar para lutar contra os abusos da ditadura no Brasil.

Minha mãe foi coagida a ser espiã e ajudar os policiais na caça aos comunistas. Nunca quis. Meu pai até incentivou, dizendo que entraria uma grana para ajudar nas despesas. Minha mãe nunca quis. Nenhum dinheiro compraria suas convicções. Acontece que naquela época, não aceitar era morrer. Então, minha mãe recebeu um caderninho e uma caneta, material de trabalho, senhora, guarde-os na sua mochila e anote tudo quanto puder.

Minha mãe era alfabetizada, tornou-se atendente em uma padaria paulista, mas queria mesmo era ser jornalista. Achava lindo dar as notícias, informar o povo, sonhava com o rosto do locutor da rádio e mais ainda com o microfone. Foi submetida, no entanto, a um jornalismo às avessas, delatora dos seus





conhecidos. O caderno cujas linhas poderiam guardar seus segredos de mulher e as novidades do bairro tornou-se um objeto asqueroso. Toda vez que o tocava, suas mãos se transformavam em patas pesadas, feito bicho à espera do próximo ataque.

As linhas do caderno, antes repletas de palavras, voltaram à sua configuração inicial, vazias, desde que minha mãe engravidou. O seu baú materno foi aberto para o desenvolvimento de uma vida, e aquelas linhas eram como corredor para a morte. Minha mãe sabia que o bebê crescia dentro de uma bolsa, num aconchego, num ninho escuro até o dia em que receberia diretamente a luz solar. Prometeu a si mesma que não faria de seu bebê testemunha de violência, queria se purificar, nascer de novo junto com ele. Só que a lei de segurança nacional, que eu prefiro chamar de 314, definia os crimes contra a ordem política e social e, para os milicos, uma gestante passou a ser subversiva.

Na primeira vez que questionaram o porquê ela não tinha registrado nada, minha mãe disse que na escala do dia ficou responsável por assar os pães e não pelo balcão. Não gostaram. E o útero que ela





gostava de chamar de baú tinha crescido, mas não a ponto de ser reconhecido. Na segunda vez, a grande bolsa-mundo virou elástico, alargou-se ampliando o escuro do abrigo. Foi quando a notaram. A moça vai dar uma volta com a gente e já volta, Seu Alair, sua funcionária exemplar já retornará para as suas funções. O “exemplar” soou doído.

O bebê deu um chute, implorando ao baú que o protegesse. Minha mãe foi levada para dentro de uma cela. Era escura como o útero, mas fria e seca. Não tinha vida, lá só crescia revolta. 314 foram os tapas que eles deram na cara da minha mãe, revezando entre as suas mãos porcas e pestilentas. Fala, vagabunda, se demorar essa barriga explode aqui mesmo. Minha mãe não tinha voz. A sabedoria de uma mãe se avoluma em zona de perigo: toda a energia e sangue e força da minha mãe foram enviadas para seu baú do tesouro, fortalecendo as suas já espessas paredes. As camadas de dentro gritavam a cada botina que avermelhava o branco da sua pele. 314 não era um número, era uma marca. Segurança nacional? Tinha ficado famosa essa expressão na mesma medida em que os úteros de tantas mulheres





jorraram sangue antes da hora. Eu não consigo falar ditadura. Eu falo 314. Poderia ser também AI-5. Número esconde mais a barbárie.

Minha mãe tinha o sonho de ser jornalista. Já falei isso? Naquela cela, ela conseguiu. Olhava o rosto do primeiro milico e anotava. Tomava mais chute e anotava. A voz não saía, os lábios cortados, mas ela anotava. Escrevia e registrava rápido em sua mente, não queria esquecer nada, poderia contar futuramente. Quando cerrava os olhos, lembrava da padaria, das mesas limpas para o primeiro pingado do dia. Mais porrada. E a voz não saía. As alças uterinas se afunilaram pedindo arrego.

Minha mãe cedeu o corpo para duas forças opostas: o bebê chutava de dentro, os milicos por fora. Minha mãe cedeu a consciência para o seu útero, cavidade mística de onde gritam todas as mulheres. As bruxas, as novas, as velhas, as mães, as não-mães. De dentro do seu baú, metáfora linda da minha jornalista, rezaram todas as nossas ancestrais. 314 é um número, mas o útero de minha mãe não. Ele teve forma, cor, cheiro, nome. Como guerrilheiro, fez de suas paredes, fortaleza, dos seus líquidos, alimento.



As botinas não foram capazes de destruir sua plasticidade. Minha mãe nunca mais escreveu naquele caderno. Cumpriu sua promessa desde que brotou a semente na sua cavidade. Naquela cela, símbolo das atrocidades cometidas em nome de uma falsa segurança nacional, ela fez uma escolha. Condensou sua vida no seu útero. Vai pra casa, vagabunda. E continua a escrever. Minha mãe nunca mais escreveu, nem voltou para casa. Mas, hoje eu estou aqui para narrar a sua história, graças ao respeito pela verdade de uma jornalista nata, ao amor de uma mãe e ao útero resistente de uma mulher.

E-mail: *ericafcj@gmail.com*

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Utopia Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em outubro de 2023.
